Caderno de Leituras n.118

Os homens fósseis

Alfonsina Storni

Nascer homem

Adela Zamudio

Apresentação e seleção Ayelén Medail **Tradução** Ayelén Medail e Gabriel Bueno

Apresentação

Ayelén Medail

Conheci Alfonsina Storni (1882-1938) na escola pública, durante o ensino fundamental. Ainda era uma criança e em mim ficaram ecoando os versos de um dos poemas mais conhecidos dela – "Tu me queres branca". Alfonsina foi minha companhia nas descobertas de outras vozes poéticas tão rebeldes quanto a dela. Sua prosa, menos conhecida que sua obra poética, chegou a mim muitos anos mais tarde. Nesta tradução escolho uma dessas prosas, com uma voz mais irônica do que de costume, voz que circulava na imprensa da cidade de Buenos Aires no início do século XX.

Alfonsina Storni nasceu na Suíça e se radicou na Argentina com 4 anos de idade. A partir da morte do pai, teve que começar a trabalhar para ajudar no sustento da sua família: tornou-se operária numa fábrica de chapéus, atriz numa companhia de teatro, entre outras profissões. Aos 20 anos ficou grávida de um homem casado e poderoso, tendo que sair de Rosário rumo a Buenos Aires, criando sozinha seu filho. Enquanto trabalhava como redatora publicitária, escreveu seu primeiro livro de versos, *A inquietude do roseiral* (1916); publicou outros seis livros de poesia: *O doce mal* (1918), *Irremediavelmente* (1919), *Languidez* (1920), *Ocre* (1925), *Mundo de sete poços* (1935) e *Máscara e trevo* (1938). Para complementar a renda, escreveu para vários jornais e revistas da cidade de Buenos Aires. A temática de seus artigos e ensaios era sempre polêmica, abordavam a situação das mulheres e acontecimentos políticos do momento. "Os homens fósseis" foi publicado no jornal *La nota* em 11 de abril de 1919 e é apenas um do arsenal de textos feministas que a autora escreveu. Para abrir o ensaio, Alfonsina, sagaz, traz à tona o ditado popular "mulher que sabe latim, não tem marido nem fim", ironizando-o e discorrendo sobre a incapacidade dos homens em aceitar a mulher como sujeita pensante.

Em outubro de 1938, ela decide acabar com sua vida, atirando-se ao mar na cidade de Mar del Plata, após uma luta de mais de cinco anos contra o câncer de mama.

A leitura de Adela Zamudio (1854-1928) é, para mim, bem mais recente. Há dois anos, li seu nome no rodapé de um livro sobre o movimento feminista no Cone Sul. A boliviana era citada como uma das referências mais importantes para o feminismo do continente, com questionamentos gritantes à sociedade patriarcal. Tempos depois, da mão de um amigo colombiano, soube que Adela era também poeta. O poema que traduzimos aqui – "Nascer homem" – é uma bomba vinda de outro tempo e que continua terrivelmente atual.

Adela Zamudio nasceu em Cochabamba em 11 de outubro de 1854. Escreveu versos desde os 15 anos de idade, estudou enquanto o Estado permitiu (3º ano de fundamental), e continuou sua instrução de forma autodidata. Dedicou-se à docência, uma das profissões permitidas para as mulheres intelectuais da época. Escreveu artigos de forte denúncia social no jornal *El Heraldo* de sua cidade natal. Publicou três livros em vida: *Ensaios poéticos* (1987), *Íntimas* (romance de 1913) e *Rajada* (poesia 1913). Faleceu em 2 de junho de 1928 em sua cidade natal e, em sua homenagem, celebra-se o dia da mulher boliviana nesta data.

O exercício de tradução que aqui publicamos teve desafios inerentes à prática tradutória feminista: a escolha das escritoras, a escolha dos textos e as escolhas lexicais. Incentivar o fluxo de circulação de textos de mulheres é uma prática feminista; que essa circulação seja de sul-a-sul é uma prática decolonial. No trabalho da tradução, houve um cuidado com a linguagem e um esforço por manter as marcas que permitem ver o passo de um século de denúncia social e escutar nas nossas ancestrais o que continua à nossa espera.

Ayelén Medail,
agosto de 2020.

Os homens fósseis[1]

Alfonsina Storni

Tradução de Ayelén Medail

O termo fóssil vem do latim, e embora o latim seja um idioma que não tem nada a ver conosco, pessoas do sexo feminino, de vez em quando nos concedemos a possibilidade de nos aproximarmos da língua sábia, reverenciá-la e pedir-lhe permissão para incluí-la em nossa conversa, com um leve e tímido tremor...

Sim, a palavra fóssil vem do latim: "fossilis", derivada, por sua vez, de "fodere" (cavar).

Antes, era aplicada à substância orgânica extraída de dentro da terra, ainda em seu estado de origem ou bem petrificada.

A partir dos conhecimentos posteriores da geologia e da paleontologia, o termo sofreu uma modificação e hoje entendemos por fóssil todo corpo orgânico quase ou completamente mineralizado, além de todo rastro de animal ou vegetal que se encontre em um terreno de épocas geológicas passadas.

O tremor aumentou... esqueça minha informação protocolar... temo haver me excedido ao passar, de um pesado livro a este papel, tanta ciência, toda prolixamente masculina.

Faço, porém, uma nova reverência à velha língua e prometo a mim mesma passar algum tempo sem voltar a incomodá-la, pois agora

1 [Nota da tradutora] Este texto foi publicado originalmente no jornal argentino *La Nota*, em 11 de abril de 1919.

me interessa falar sobre os homens fósseis, ou seja, aqueles homens cujas ideias estão quase petrificadas e que parecem estar vivendo ainda nas camadas espirituais da Idade Média.

Não achem, pobre de mim, que eu seja uma inimiga declarada do simpático sexo masculino.

Muito pelo contrário: eu o admiro e venero.

Creio que o sexo masculino foi enviado por deus à terra para reger os destinos da humanidade e, até agora, ele tem feito um bom trabalho.

Nós, mulheres, de vez em quando interferimos em seu caminho, impedindo-o que fizesse tudo da melhor maneira. Não fosse assim, a terra seria hoje um modelo de mundo.

Provavelmente os homens que habitam a terra já teriam logrado se comunicar com os outros planetas, aos quais serviríamos como modelo de toda ordem.

Mas nós, mulheres que habitamos a terra, somos uma coisa impossível, calamitosa.

Jeová deu a entender que é assim, apesar de nos ter criado.

Essa deve ser a causa da existência do homem fóssil, que em grande parte caracteriza-se pela rispidez ante tudo o que seja uma manifestação da personalidade feminina.

Ai da mulherzinha ousada que se atreva a dizer: esta é minha consciência.

Já posso ver uma lente de aumento apoiada no nariz do homem fóssil para inspecionar isso que uma mulher se atreve a chamar consciência.

Logo imagino o quanto deve pesar em um cérebro uma ideia de séculos e sinto calafrios...

Se eu tivesse conhecimentos especiais, me arriscaria a comprovar as alterações que uma ideia tão arraigada deve provocar na substância cinzenta do cérebro, mas livrai-me, estrelas, de semelhante audácia feminino-psicológica.

Além disso, o homem fóssil possui modalidades que são apenas um resíduo de crueldade da espécie e um absoluto desconhecimento da causalidade. O homem fóssil fica obcecado com a ideia de que

a menina deve ignorar tudo, fingir tudo, dissimular tudo e, lógico, dá razão assim a Jeová.

Enquanto isso, o lobo afia seus dentes e a Chapeuzinho caminha, com seu buquê branco na mão, pela escuridão da estrada afora, cheia de graça, saltitando e dando belas piruetas.

Muito bem, homem fóssil!

Se a Chapeuzinho é devorada, o homem fóssil franze o cenho, deixa cair uma sentença sonora, levanta a mão em sinal de alarme!

Garotas, gentis garotas de dezoito a vinte cinco anos, doces e sorridentes garotas desta hora: proponho-lhes uma batida no bosque dos fósseis.

Não precisarão de armas além daquelas que vossa juventude emana, que o direito de vossos corações, que a verdade de vossas vidas.

Vestidas com roupas claras, tagarelando como um bando de avezinhas velozes, passareis em um voo alegre sobre os áridos penhascos dos fósseis e a justiça ficará do vosso lado.

Vamos?

Nacer hombre[2]

Adela Zamudio

Cuánto trabajo ella pasa
por corregir la torpeza
de su esposo, y en la casa,
(Permitidme que me asombre).
Tan inepto como fatuo,
sigue él siendo la cabeza,
porque es hombre!

Si algunos versos escribe,
de alguno esos versos son,
que ella sólo los suscribe.
(Permitidme que me asombre).
Si ese alguno no es poeta,
por qué tal suposición
porque es hombre!

Una mujer superior
en elecciones no vota,
y vota el pillo peor.
(Permitidme que me asombre).
Con tal que aprenda a firmar

2 [Nota da tradutora] Este poema foi publicado pela primeira vez em 1914 e a edição que aqui nos serve de referência é: Zamudio, Adela. *Poesías*. Ediciones la Biblioteca Digital, edição do Kindle, n.p.

puede votar un idiota,
porque es hombre!

Él se abate y bebe o juega.
En un revés de la suerte:
ella sufre, lucha y ruega.
(Permitidme que me asombre).
Que a ella se llame el “ser débil”
y a él se le llame el “ser fuerte”.
Porque es hombre!

Ella debe perdonar
siéndole su esposo infiel;
pero él se puede vengar.
(Permitidme que me asombre).
En un caso semejante
hasta puede matar él,
porque es hombre!

Oh, mortal privilegiado,
que de perfecto y cabal
gozas seguro renombre!

En todo caso, para esto,
te ha bastado
nacer hombre.

Nascer homem

Adela Zamudio

Tradução de
Ayelén Medail e Gabriel Bueno

Quanto trabalho ela passa
pra corrigir a torpeza
de seu marido, e na casa,
(Permitam-me que me assombre)
Tão inepto quanto tolo,
ainda é ele a cabeça
porque é homem!

Se alguns versos ela escreve,
de alguém esses versos são
que ela somente subscreve
(Permitam-me que me assombre)
Se esse alguém nem é poeta
por que tal suposição?
Porque é homem!

Uma mulher superior
se tem eleições não vota
vota é o malandro pior
(Permitam-me que me assombre)
Desde que aprenda a assinar
pode votar um idiota
porque é homem!

Fatigado, bebe ou joga.
Em um revés da sua sorte:
ela sofre, luta e roga
(Permitam-me que me assombre)
Que a ela se chame o “ser frágil”
e a ele se chame o “ser forte”.
Porque é homem!

Ela deve perdoar
sendo o esposo um infiel;
já ele pode se vingar.
(Permitam-me que me assombre).
Em um caso semelhante
ele até pode matar,
porque é homem!

Oh, mortal privilegiado
que de perfeito e cabal
goza o seguro renome!

Em todo caso, pra isso,
bastou apenas
nascer homem.

Caderno de Leituras n.118
Os homens fósseis, Alfonsina Storni
Nascer homem, Adela Zamudio

Apresentação e seleção Ayelén Medail
Tradução Ayelén Medail e Gabriel Bueno
Coordenação editorial Maria Carolina Fenati
Revisão da tradução Clarissa Xavier
Revisão Clara Delgado
Coordenação de arte Luísa Rabello
Projeto gráfico Rita Davis

Composto em Noe Text e UnB Pro

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, novembro de 2020

Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em www.chaodafeira.com

Projeto Caderno de Leituras, nº 0699, aprovado no Edital 2017
oriundo da Política de Fomento à Cultura Municipal (Lei nº 11.010/2016).

Realização

unibh